

LITERATURA, HISTÓRIA E CONSTRUÇÃO DA REALIDADE

Liliane de Paula Munhoz¹, Maria Aparecida de Castro².

1. Departamento de Áreas Acadêmicas, Câmpus Inhumas, Instituto Federal de Goiás. Inhumas – Goiás - Brasil. Membro do Núcleo de Estudos e Pesquisas Interdisciplinares (NEPEINTER/IFG). E-mail: liliane_munhoz@hotmail.com
2. Biblioteca Atena, Câmpus Inhumas, Instituto Federal de Goiás. Inhumas – Goiás - Brasil, Bolsista PIQS/IFG. Membro do Núcleo de Estudos e Pesquisas Interdisciplinares (NEPEINTER/IFG). E-mail: mar.apareci.c@gmail.com

Recebido em: 28/11/2014 – Aprovado em: 16/01/2015 – Publicado em: 31/01/2015

RESUMO

O propósito deste artigo é refletir sobre a representação da realidade nos discursos da literatura e da história. Dufour (2014) ressalta que homens (e mulheres) são seres do discurso, são estranhos animais falantes que vivem sob o encanto de suas próprias grandes narrativas nas quais estão depositados os princípios da civilização. Nossas reflexões se reportam às teorias de Hannah Arendt (2002), sobre o conceito antigo e moderno de história; às discussões de Gagnebin (1999), a respeito da emergência de uma nova narrativa; à teoria de Linda Hutcheon (1991), acerca das relações entre história e ficção, e à teoria da recepção, de Wolfgang Iser (2013). Analisamos também os imbricamentos do texto histórico com literário, conforme Hayden White (1994). Com Roger Chartier (2009), refletimos sobre o caráter vacilante da distinção entre a narrativa literária e a narrativa histórica na mediação do real.

PALAVRAS-CHAVE: História, Literatura, Representação da realidade

LITERATURE, HISTORY AND CONSTRUCTION OF REALITY

ABSTRACT

The purpose of this article is to discuss the representation of reality in the discourses of Literature and History. Dufour (2014) points out that men (and women) are beings of speech, they are strange talking animals that live under the spell of their own big narratives in which the principles of civilization are impressed. There are similarities between literature and history, two narrative forms that dialogue with the world and lead to the knowledge of reality. In our reflections, we refer to the theories of Hannah Arendt (2002), about the ancient and the modern concept of history; to the discussions of Gagnebin (1999), about the emergence of a new narrative; to Linda Hutcheon's theory (1991), about the relationship between history and fiction, and to reception theory, according to Wolfgang Iser (2013). We also analyze the imbrications of historic and literary texts, on what concerns Hayden White (1994) conceptions. With Roger Chartier (2009), we reflect on the unsteady nature of the distinction between literary narrative and the historical narrative in the mediation of thereal.

KEYWORDS - Literature, History, Representation of reality

INTRODUÇÃO

Esse artigo faz uma abordagem das inter-relações da literatura com a história, a partir da discussão a respeito dos vínculos que essas duas narrativas estabelecem com a realidade. Tomamos como orientação as reflexões promovidas por HANNAH ARENDT (2002), para lembrar o conceito antigo e o moderno de história, e levantamos com LINDA HUTCHEON (1991) e JEANNE MARIE GAGNEBIN (1999)

aproximações entre história e ficção, em diálogo com a teoria da recepção, de WOLFGANG ISER (2013).

Segundo ARENDT (2002), a visão de que a história deve registrar para o “conhecimento da posteridade” o nome de grandes homens, tais como reis, guerreiros, generais e, enfim das pessoas que representam o poder, predominou até o século XIX, quando a história tornou-se uma disciplina. Naquele momento, as palavras chaves orientadoras dos estudos históricos eram desenvolvimento, progresso, objetividade.

Na esteira de Arendt, Jeanne Marie GAGNEBIN (1999), analisando “O narrador”, de Walter Benjamin comenta que a desumanização e despersonalização da sociedade burguesa, em fins do século XIX e início do XX, colocaram fim às narrativas tradicionais e abriram a possibilidade de uma forma narrativa diferente do teor imemorial, lendário, mítico e mágico dadas pela concepção cíclica do tempo nas sociedades pré-modernas. Estas foram substituídas pelas narrativas do tempo da razão histórica.

GAGNEBIN (1999) associa morrer e narrar, de forma bastante provocativa. Ela afirma que, para morrer, as pessoas, na tradição, precisavam contar uma história, isto é, precisavam fabular, através de um provérbio, através da construção de um modelo a ser seguido, que servisse de conselho para a vida que continuava.

O conselho (metonímia que Benjamin utiliza para referir-se à narração) implica

as hesitações, as tentativas até as angústias de uma história ‘que se desenvolve agora’, que admite, portanto, vários desenvolvimentos possíveis, várias sequências diferentes, várias conclusões desconhecidas que ele pode ajudar não só a escolher, mas mesmo a inventar, na retomada e na transformação por muitos de uma narrativa à primeira vista encerrada na sua solidão (GAGNEBIN, 1999, p. 63)

Essa discussão traz em seu bojo uma noção importante para as nossas reflexões acerca das aproximações entre literatura e história, porque nos lembra de que a história, colocada em palavras, não pode ser definitiva, nem exaustiva. Isto é, diferente do que se possa pretender, um narrador não pode querer dar conta de representar os fenômenos acabadamente ou que sua narrativa mencione todos os fatos de um evento, não deixando nada na penumbra ou inacabado.

A condição de discurso científico da história, na sua forma pura, tem sido frequentemente questionado, visto que já não se pode refutar a ideia de que a seleção do material e os critérios da seleção atendem ao modo de pensar de um historiador, em uma dada comunidade. E mais do que isso, ligado ao problema da dificuldade de se alcançar a objetividade, coloca-se o desejo de dizer não apenas o que aconteceu, mas também de chegar ao que as coisas significam(ram).

Os trabalhos de Hayden WHITE (1994, p. 73), nos quais ele reconhece a retórica da discursividade histórica, postulam que as ideias de verdade, de certeza e de universalidade da história devem ser questionadas, porque tudo depende da narrativa. Tanto na ficção quanto na história, substituímos a realidade por palavras. Fica evidente que, se tudo é “construto linguístico” (WHITE, 1994), sempre há um ponto de vista – um ponto de vista eleito que, por selecionar, omite, organiza os aspectos de um determinado evento. Esse ponto de vista tem a ver com o jeito de dizer, com a maneira de pensar, de nos inter-relacionarmos.

LINDA HUTCHEON (1991), refletindo sobre as propriedades que aproximam as atividades do historiador e do escritor de ficção, lembra que história e ficção estão inevitavelmente repletas de ideologia e dependentes dos intertextos do passado e a metaficção historiográfica resulta dessa atenuação da aparente diferença entre ficção e história. Muitos textos aparecem, desse modo, como uma verdadeira encruzilhada intertextual em que acontecimentos e personagens verificáveis no mundo empírico se misturam com os “inventados”.

Essa perspectiva, de Hutcheon, reverbera na teoria literária do início do século XX, com o formalismo russo. Os estudos de literatura hoje devem muito a Viktor Chklovsky, Vladimir Propp, Boris Eichenbaum, Roman Jakobson que revolucionaram a crítica literária, atribuindo à literatura o caráter de autonomia da linguagem, e evidentemente o caráter científico.

O sentido dos textos literários passa à condição de estar impresso na linguagem, na literariedade ou, em outras palavras, na imanência ou materialidade dos textos. Por esse viés, elementos extratextuais são considerados muito fluidos e não podem ser utilizados na leitura dos textos. Para os adeptos do formalismo russo, a única realidade é o próprio texto.

Em Hutcheon, ressoam ainda, e mais especificamente, os pensamentos de Mikhail Bakhtin, filiado ao estruturalismo. Bakhtin desenvolveu o conceito de polifonia e carnavalização, que estão presentes nos argumentos da autora quando defende literatura e história como discursos cuja trama tem origem na intertextualidade. Nessa concepção, o texto é resultado de leituras anteriores e, portanto, manifesta-se como única realidade. Seria o que poderíamos resumir como a passagem da *mimèsis* para a *poièsis*.

Assim, podemos perceber que literatura e história desenvolvem-se paralelamente. A primeira abandona a ideologia da *mimèsis* (do realismo como reflexo da realidade) e admite a condição de um discurso, que tem suas regras e convenções. A segunda afasta-se da condição de narrativa dos tempos imemoriais para a expressão de objetividade e universalidade. Depois, num outro momento, a cientificidade será questionada. Quanto à história, devemos a White o primeiro movimento nesse sentido e, quanto à literatura, aos teóricos da recepção.

A partir dos anos de 1960, o sentido do texto literário deslocou-se do texto para o leitor. Nessa perspectiva, da estética da recepção, situam-se os teóricos e críticos adeptos da ideia de que em literatura podem-se reconhecer vínculos com a realidade extratextual. O sentido reside não na intencionalidade do autor, nem do texto, mas em um entrelugar, num espaço intervalar entre leitor e texto.

Nesse sentido, Wolfgang Iser, em *O fictício e o imaginário: perspectivas de uma antropologia literária*, contribui com uma discussão absolutamente esclarecedora. Suas reflexões acerca da natureza ficcional dos textos literários e da não-ficcional de textos que se relacionam com a realidade apontam para um questionamento da oposição entre ficção e realidade. Esta oposição, segundo o autor, faz parte do nosso saber tácito, isto é, estamos tão seguros a respeito dessa certeza que ela torna-se evidente por si mesma. Porém, ISER (2013, p. 31) afirma que a certeza quanto à oposição entre ficção e realidade é irrefletida. O autor pergunta se os textos ficcionais são mesmo tão ficcionais e se os textos não considerados assim são de fato isentos de ficção.

Nessa perspectiva, afirma ISER (2013) que a oposição entre realidade e ficção deve ser substituída pela tríade: real, fictício e imaginário, porque, para ele,

aquela tradicional antinomia despreza uma dimensão importante do texto ficcional. Para ele,

há no texto ficcional muita realidade que não só deve ser identificável como realidade social, mas que também pode ser de ordem sentimental e emocional. Estas realidades por certo diversas não são ficções, nem tampouco se transformam em tais pelo fato de entrarem na apresentação de textos ficcionais. Por outro lado, também é verdade que estas realidades, ao surgirem no texto ficcional, não se repetem nele por efeito de si mesmas. Portanto, se o texto ficcional se refere à realidade sem se esgotar nesta referência, a repetição é um ato de fingir pelo qual aparecem finalidades que não pertencem à realidade repetida. Se o fingir não pode ser deduzido da realidade repetida, nele emerge um imaginário que se relaciona com a realidade retomada pelo texto (ISER, 2013, p. 32)

Dessa forma, pode-se dizer, com Iser, que o fictício retira elementos da realidade e os repete, ocorrendo no texto ficcional o que o autor denomina transgressão de limites. Segundo o autor, a ficção realiza duas formas de transgressão de limites, que têm origem no ato de fingir. Primeiro, com relação à realidade da vida real repetida no texto, que se transforma em signo (a irrealização do real), e segundo, o emprego da determinação da realidade, que transforma o imaginário em efeito do que é referido (a realização do imaginário). Esta transgressão de limites dá-se, segundo o autor, devido ao fato de o imaginário ser difuso, informe, fluido e sem um objeto de referência (ISER, 2013, p. 33) e ganhar, na ficção, uma determinação que não lhe é própria. Por isso, adquire um atributo de realidade, “pois a determinação é uma definição mímica do real” (ISER, 2013, p. 33).

ERNST CASSIRER (1972) ressalta que o ser humano necessita de uma mediação simbólica para organizar a sua realidade, organizar a sua existência no mundo, pois este

[...] não vive num universo puramente físico, mas num universo simbólico. A linguagem, o mito, a arte e a religião são parte deste universo. São vários os fios que tecem a rede simbólica, a teia emaranhada da experiência humana [...] Já não é dado ao ser humano enfrentar imediatamente a realidade; não pode vê-la, por assim dizer face a face. A realidade física parece retroceder proporcionalmente, à medida que avança a atividade simbólica do ser humano. [...] Portanto, em lugar de definir o ser humano como um animal *rationale*, deveríamos defini-lo como animal *sybolicum* (CASSIRER, 1972, p. 50-51).

A literatura é parte desse universo simbólico, é uma das “teias do emaranhado simbólico que dá significado a vida, a experiência humana” (CASSIRER, 1972). Ao pensarmos em literatura e história, enquanto portadoras de sentido, de explicações para como se configura o real, devemos levar em conta que, ao contrário dos ficcionistas, os historiadores optam por não ver o caráter imaginário de suas obras. Eles preferem acreditar que transcenderam a ficção ao estabelecerem rigorosas diretrizes para a narrativa histórica, tentam disciplinar a imaginação, no caso a imaginação histórica e estabelecem limites para o que se constitui um acontecimento histórico (KRAMER, 2001, p. 135).

No entanto, apesar desses limites impostos,

todas as tentativas de descrever os acontecimentos históricos baseiam-se, necessariamente, em narrativas que revelam a coerência, a integridade, a plenitude e a inteireza de uma imagem de vida que é, e só pode ser imaginária. A dimensão fictícia e imaginária de todos os relatos de acontecimentos não significa que eles não tenham realmente acontecido, mas, sim, que qualquer tentativa de descrever os acontecimentos (mesmo enquanto estão ocorrendo) devem levar em conta diferentes formas de imaginação (KRAMER, 2001, p. 136-137).

Para Aristóteles, a história narra fatos que aconteceram, enquanto a literatura seria a narrativa de fatos que poderiam acontecer. Em sua concepção, as “verdades gerais” do mundo se expressavam através da arte, ou seja, através das histórias inventadas. No século XIX, as ciências enunciavam as verdades do mundo e a História, como sendo uma ciência. Através do método científico de descoberta dos fatos, estes ganharam o caráter verdadeiro e lhes foram negados todos os elementos fictícios de sua composição.

Ao pensarmos o que separa a literatura da história, em termos de busca incessante da “verdade”, nos ancoramos em MICHEL FOUCAULT (2001, p. 18), para quem as narrativas, os discursos são procedimentos de exclusão. A vontade de verdade é um dos grandes sistemas de exclusão (senão o maior deles). Esta, “apoiada sobre um suporte e uma distribuição institucional tende a exercer sobre os outros discursos uma espécie de pressão e como que um poder de coerção”, que torna outros discursos cada vez mais incertos e mais frágeis, a vontade de verdade “não cessa de se reforçar, de se tornar mais profunda e mais incontornável” (FOUCAULT, 2001, p. 19).

PAUL VEYNE (1987, p. 139), nesse sentido, defende que vivemos em “programas de verdade”, compostos de imaginações, e cada época, cada local, cada grupo, vive verdades que devem ser consideradas tão verdadeiras quanto às de outro. Assim, as massas de imaginações não devem ser consideradas nem falsas, nem verdadeiras. Para o autor, “a verdade é que a verdade varia”. Esta premissa é válida tanto para o nosso dia-a-dia, quanto para a produção do conhecimento, e do conhecimento histórico.

Nas palavras de CHARTIER (2002, p. 14), a escrita da história, mesmo a mais quantitativa, mesmo a mais estrutural, pertence ao gênero da narrativa, com o qual compartilha as categorias fundamentais. Narrativas de ficção e narrativas históricas têm em comum uma mesma maneira de fazer agir seus ‘personagens’, uma mesma maneira de construir a temporalidade, uma mesma concepção de causalidade.

WHITE (1994), por sua vez, põe em dúvida a existência de um saber especificamente histórico, questiona as fronteiras que separam história, literatura e filosofia. Estas fronteiras forçam a distinção entre fato e ficção, um tabu da historiografia desde o positivismo. “Toda disciplina é constituída por um conjunto de restrições ao pensamento e à imaginação, e nenhuma é mais tolhida por tabus do que a historiografia profissional” (WHITE, 1994, p. 29).

FINLEY (1994, p. 81) chama de “momentos de espaçamento temporal” as brechas deixadas pelos documentos. O historiador junta os fragmentos para montar a história, atribuindo a ela uma lógica. Esta lógica só acontece através da linguagem. Dessa forma, o historiador imagina, supõe, interpreta e cria, em busca de

sentido para as ações passadas. “As narrativas históricas revelam uma coerência, integridade e plenitude que só podem ser imaginárias” (WHITE, 1994, p. 32). Assim, literatura e história bebem nas mesmas fontes para a construção do real.

Tanto as narrativas literárias quanto as históricas refletem processos políticos ou econômicos, mentalidades, imaginários, formas de vida, relações de poder. A literatura expressa, através da trama e dos personagens, valores, visões de mundo, pensamentos de grupos sociais, relações sociais e políticas localizadas no tempo e no espaço.

ROLAND BARTHES (1999, p. 14) destaca que a literatura traz à tona questões humanas, dos sentimentos e das emoções, permitindo que o leitor se sinta na pele de personagens, identificando-se com eles. Sua capacidade de recriação da realidade permite a quem lê emocionar-se e impactar-se com ela, levando assim à reflexão e à possibilidade, por um momento, de uma pessoa tão distante no espaço e no tempo destes personagens estar na pele deles por um instante e compreendê-los.

MATERIAL E MÉTODOS

A metodologia utilizada na elaboração desse trabalho foi a pesquisa bibliográfica. Para autores como DEMO (2000), e MARCONI & LAKATOS (2007), a pesquisa bibliográfica não é uma repetição do que já foi dito ou escrito sobre determinado assunto, mas sim, proporciona o exame de um tema sob novos olhares e perspectivas, chegando-se a novas conclusões.

A coleta dos dados foi feita de janeiro a novembro de 2014. Os passos da pesquisa foram:

- a) definição do problema
- b) determinação dos objetivos e da hipótese;
- c) identificação das fontes e obtenção do material;
- d) leitura do material;
- e) interpretação do material levantado;
- f) redação do trabalho

Os passos acima possibilitaram a construção do produto final: esse artigo, que discute as interconexões entre literatura e história na construção da realidade.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Por seu caráter analítico e reflexivo, esse trabalho de pesquisa não chega a resultados definitivos, desde sua concepção seu intuito foi sempre contribuir para a análise dos diálogos possíveis entre literatura e história na mediação do real. A narrativa ficcional e a narrativa histórica se confundem em limites nem sempre perceptíveis, já que ambos são discursos muitas vezes entrelaçados.

HUTCHEON (1991, p. 122) salienta que: “o que a escrita pós-moderna da literatura e da história nos ensinou é que a ficção e a história são discursos, e ambas constituem sistemas de significação pelos quais damos sentido ao passado”. A literatura pode ser considerada como uma leitora privilegiada dos acontecimentos históricos, e a História, enquanto ciência, por sua vez, poderá se valer da literatura para dar respostas a fatos históricos, que nem mesmo ela própria conseguiu dar.

CHARTIER (2009, p. 24) considera que a distinção entre ficção e história tem se mostrado vacilante. A narrativa literária e a narrativa histórica são formas de conhecimento do mundo, que proporcionam ao ser humano uma visão mais apurada de si mesmo e de sua trajetória histórica. Essas formas narrativas são portadoras de

sentido para a vida humana. A narrativa ficcional, ao organizar o caos interno, e a narrativa histórica, ao por ordem nos dos acontecimentos no tempo e no espaço.

CONCLUSÃO

Na nossa perspectiva, as teorias de Hannah Arendt, Linda Hutcheon, Jeanne Marie Gagnebin, Wolfgang Iser, Hayden White, e, Roger Chartier complementam-se nessa abordagem dos vínculos dos textos narrativos com a realidade. Suas reflexões nos auxiliam na nossa tentativa de aproximação da literatura com a história, no sentido de concebê-las ambas como narrativas das ações humanas, cujos textos conduzem o leitor em um jogo de referência e textualidade.

Não é somente o formato narrativo que é compartilhado pelo texto ficcional e historiográfico, mas estes têm muito mais elos do que se poderia supor há algum tempo. O que acontece é que, enquanto historiadores tentam suprimir/escamotear ao máximo possível os elementos imaginativos de seus trabalhos, os literatos utilizam-se largamente da imaginação para que sua história tenha sentido.

Finalmente, à guisa de conclusão, consideramos que os romancistas, assim como os historiadores, podem silenciar, excluir e eliminar certos acontecimentos – e pessoas – do passado. Portanto, melhor que atribuir à história o caráter de verdadeira, e à ficção, o caráter de falsa ou mentirosa seria confiar a cada uma a possibilidade de figurar as verdades, que só existem no plural.

REFERÊNCIAS

ARENDR, H. **Entre o passado e o futuro**. Trad. Mario W. Barbosa de Almeida. 5. ed. São Paulo: Perspectiva, 2002. (Debates política, n. 64).

ARISTOTELES. **Tópicos**: dos argumentos sofísticos. São Paulo: Nova Cultural, 1987 (Os pensadores, vol. 1)

BARTHES, R. **Elementos de semiologia**. São Paulo: Cultrix, 1999.

CASSIRER, E. **Antropologia filosófica**: ensaio sobre o homem, introdução a uma filosofia da cultura humana. São Paulo: Mestre Jou, 1972.

CHARTIER, R. **A história ou a leitura do tempo**. Belo Horizonte: Autêntica, 2009.

DEFOUR, D.R. Capitalismo, religião e espetáculo. In: MOREIRA, Alberto da Silva Moreira (Org.); LEMOS, Carolina Teles (Org.); QUADROS, Eduardo Gusmão de (Org.). **A religião entre o espetáculo e a intimidade**. Goiânia: Ed. PUC Goiás, 2014.

DEMO, P. **Pesquisa**: princípios científicos e educativos. 7ª edição, São Paulo: Cortez, 2000.

FINLEY, M. **História antiga**: testemunhos e modelos. São Paulo: Martins Fontes, 1994

FOUCAULT, M. Os intelectuais e o poder. Conversa entre Michel Foucault e Giles Deleuze. In: _____. **Microfísica do poder**. Rio de Janeiro: Edições Graal, 2001.

GAGNEBIN, J.M. **História e narração em Walter Benjamin**. São Paulo: Perspectiva, 1999.

HUTCHEON, L.. **Poética do pós-modernismo**: história, teoria, ficção. Trad. Ricardo Cruz. Rio de Janeiro: Imago, 1991.

ISER, W.. **O fictício e o imaginário**: perspectivas de uma antropologia literária. 2. ed. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2013.

KRAMER, L.S. **Literatura, crítica e imaginação histórica**: o desafio literário de Hayden White e Dominick LaCrapa. In HUNT, Lynn. **A nova história cultural**. São Paulo: Martins Fontes, 2001. (O homem e a história)

MARCONI, M.A. & LAKATOS, E.M. **Técnicas de pesquisa**: planejamento e execução de pesquisas, amostragens e técnicas de pesquisas, elaboração, análise e interpretação de dados. 6. ed., São Paulo: Atlas, 2007.

WHITE, H. **Trópicos do discurso**: ensaios sobre a crítica da cultura. São Paulo: Ed. Universidade de São Paulo, 1994.

VEYNE, P. **Como se escreve a história**. Lisboa: Edições 70, 1987.

TROUCHE, A.L.G. **América**: história e ficção. Niterói, RJ: Eduff, 2006